

VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

A RELAÇÃO ENTRE CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO, MACHISMO E A CULTURA DO ESTUPRO NAS MÚSICAS DO GÊNERO SERTANEJO UNIVERSITÁRIO

Amanda Cavalin da Costa (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Glaucia Valéria Pinheiro de Brida, (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato:amandacavalin@hotmail.com

Palavras-chave: Psicanálise. Violência contra a mulher. Estereótipo de Gênero.

A sociedade machista tem a violência contra a mulher como um fenômeno integrante de seu processo, trata-se de um fenômeno histórico decorrente da formação patriarcal que implica na visão do homem como superior à mulher, uma vez que sendo considerado o chefe da família acredita poder dominá-la de diversas maneiras como em suas escolhas pessoais, profissionais ou em qualquer outro âmbito, quanto à mulher cabe o papel de submissa ao homem. Dessa forma, a violência contra a mulher é um problema relacionado à desigualdade de poder entre os gêneros (Teles, 2003).

Tendo em vista que essa desigualdade é construída historicamente – em com o contexto social, político e econômico - e os papéis atribuídos a cada um são específicos e limitadores, Arruda (1996, p.8) define que “o homem seria racional, ativo, dominante, enquanto a mulher se apresentaria sentimental, passiva, submissa”. Até os dias atuais já ocorreram mudanças na representação da mulher em nossa sociedade, porém de muitas maneiras ainda prevalece uma ideologia de gênero machista na qual a mulher é caracterizada como inferior. Exemplos disso são as diferenças salariais, os discursos sobre o espaço que a mulher deve ocupar por ser mulher, as agressões contra mulheres no ambiente doméstico ainda registradas etc.

Consideramos que o machismo está intimamente relacionado à cultura do estupro, que segundo Rodrigues (2016) é definida como a normalização do estupro. Assim, a cultura do estupro é a naturalização dos atos de violência sexual contra a mulher que podem ser representados de diversas formas em nossa sociedade. Para este autor, o termo cultura do estupro ainda não representa uma definição única, pois ainda não foram especificados os elementos que caracterizam esta por conta da diferença cultural entre as sociedades. A cultura do estupro tem dificultado o reconhecimento social deste crime como uma violência contra a mulher. Muitas vezes ela responsabilizada pelo crime do qual é vítima: pela roupa que está

VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

usando - ao não corresponder a um estereótipo de gênero feminino benevolente – ou porque cabe ao homem o direito de satisfazer a sua sexualidade. A cultura do estupro está presente na vida cotidiana das pessoas, tanto em suas relações quanto nas diferentes formas de expressão cultural, entre elas: a música.

As produções artísticas possuem um papel de destaque na representação dos gêneros na sociedade em determinado período, a música é uma parte importante na construção cultural do ser humano e, além da face artística, pode representar os papéis sociais presentes no modo de constituição da sociedade. De acordo com Sudré e Donnangelo (2016) apesar do passar das décadas e as transformações sociais, como a maior inserção da mulher no mercado de trabalho e criação de leis específicas que visa garantir direitos e enfrentar o machismo, este ainda se encontra presente na sociedade. Desta forma, as músicas representam esse cenário em diversos gêneros musicais, porém o site popular de letras musicais chamado Vagalume apresenta em sua página no ano de 2016, uma lista de top 100 cantores tocados nacionalmente e a categoria que mais aparece nesta lista é o “sertanejo universitário”, uma vertente do sertanejo raiz, caipira e romântico.

Entre as características do sertanejo universitário está o ritmo acelerado, letras com descrições de relacionamentos rápidos, festas e bebida alcoólica, sendo estas características um reflexo do momento atual de vida destes jovens, da sociedade em que vivem e o local que estão inseridos nela. O foco observado no gênero musical sertanejo universitário foi o da representação das relações assimétricas entre homens e mulheres, uma vez que a música representa um reflexo da sociedade machista.

Diante deste cenário, o presente trabalho objetivou analisar a relação entre a construção estereótipo de gênero, machismo e cultura do estupro a partir das representações de gênero feminino e masculino nas músicas da categoria denominada sertanejo universitário.

Trata-se de uma pesquisa em Psicanálise, em que por meio do método interpretativo busca-se o significado latente no discurso manifesto. Para tanto foram selecionadas 9 músicas, lançadas entre 2012 e 2017, a partir do critério: as músicas que retratam as relações entre homens e mulheres em contextos de festas, “baladas” e outras comemorações. Realizou-se uma “leitura flutuante” das letras das músicas e destacados os trechos em que se reconheceu uma nova possibilidade de interpretação. Os dados foram analisados a partir dos conceitos confusão de línguas e desautorização de Sándor Ferenczi e a partir dos escritos sobre dominação masculina de Pierre Félix Bourdieu.

VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

Os resultados foram sistematizados em três categorias: 1) Representações do gênero feminino e masculino, 2) Álcool e consentimento sexual e 3) A desautorização da recusa feminina. Tais categorias além de dar visibilidade a um tema pouco discutido, por meio das letras das músicas, trouxeram a compreensão sobre as relações entre a cultura do estupro, machismo e estereótipos de gênero.

O estereótipo de gênero define quais os papéis do feminino e do masculino na sociedade: como devem se comportar, como realmente se comportam e como as pessoas veem esses comportamentos (Amorim, 1997), estas definições aparecem nas músicas, já que estas são um reflexo das construções da sociedade. Dessa forma, a primeira categoria traz trechos das músicas que permitem uma análise sobre a diferenciação de papéis e comportamentos na sociedade de acordo com os gêneros feminino e masculino. O estereótipo de gênero masculino é marcado pela virilidade, apresentada como uma característica intrínseca ao homem, enquanto a mulher retratada por seus atributos físicos, como um objeto sexual a serviço da satisfação masculina. A relação entre esses dois estereótipos de gênero, o masculino e o feminino, evidenciam o machismo e cultura do estupro, tendo em vista que o objeto sexual feminino existe nas letras apenas para satisfazer o homem e (com)provar sua virilidade.

O álcool se apresenta como um marcador de gênero e é um fator recorrente nas músicas que trazem contextos de festas ou comemorações, estando presente em cinco das nove músicas selecionadas, sendo utilizado com a finalidade da dominação masculina. Assim, os trechos que constam na segunda categoria, mostram o álcool como um facilitador para a relação sexual com a mulher, já que aparece como estratégia para alterar o estado de consciência desta, sua razão. O recorrente uso de álcool com o objetivo de deixar a mulher “louca” “louquinha”, revelam a cultura do estupro, em que o álcool é deliberadamente utilizado para desinibir a mulher, facilitando a dominação masculina por meio da atividade sexual.

Foi possível identificar a relação de poder estabelecida entre homens e mulheres ao longo dos anos e como a dominação masculina está presente nas letras musicais analisadas, o que levou a compreensão de que a sexualidade masculina é uma forma de dominação. A virilidade masculina se apresenta em todas as músicas selecionadas como algo incontrollável em que a satisfação sexual independe do consentimento da mulher. Essa problemática remete ao conceito de desautorização da recusa feminina, aspecto discutido na terceira categoria. A

VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

desautorização é um conceito desenvolvido por Ferenczi (1933/1992) em seus estudos sobre o trauma e se refere ao não reconhecimento da narrativa de um sujeito. Nesta pesquisa, o conceito é associado à narrativa feminina nas músicas, que é desconsiderada ou não reconhecida pelo homem sendo este fato associado a aspectos do machismo e da cultura do estupro. Nas letras investigadas, não é possível à mulher recusar-se a dar prazer ao homem, desse modo toda recusa feminina é traduzida como consentimento. O estupro é qualquer atividade sexual sem consentimento, ao não reconhecer a possibilidade de recusa pela mulher e mudar o sentido recusa para consentimento, a cultura do estupro promove uma “confusão de línguas”, camuflando o estupro e, portanto, naturalizando-o.

Ao analisar a relação entre o machismo e a cultura do estupro a partir dos estereótipos de gênero feminino e masculino presentes nas músicas do gênero musical sertanejo universitário, pode-se concluir é necessário identificar o machismo, já que nas músicas estão presentes discursos machistas que naturalizam a assimetria nas representações do homem e da mulher. Somada a esta naturalização da dominação masculina, que se dá principalmente no campo sexual, o discurso machista, ao desautorizar a recusa feminina, também promove uma confusão de línguas ao traduzir a recusa como consentimento. Essa naturalização da dominação sexual masculina, a desautorização da recusa e a confusão de línguas, contribuem para que a cultura do estupro se mantenha imperceptível a quem escuta as músicas. Dessa forma, identificar esse fenômeno em manifestações artísticas tão populares é uma maneira de dar visibilidade a este, permitindo desvelar essa cultura relacionada a crimes e violências contra a mulher.

Referências

ALVES, R. R. Família **Patriarcal e Nuclear: Conceito, características e transformações**. In: II seminário de pesquisa da pós-graduação em História UFG/UCG. Goiânia, 2009.

AMORIM, M. A. Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. **Temas em psicologia**. Universidade gama filho. Ribeirão preto, 1997.

ARRUDA, C. C. M. Relação empresa-família: o papel da mulher. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, 1996. Disponível em: <scielo.br/pdf/rae/v36n3/a02v36n3.pdf>. Acesso em: 12 de out. 2016.

VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

FERENCZI, Sándor. Confusão de língua entre os adultos e a criança. **Obras completas. Psicanálise IV**. Trad. São Paulo: Martins Fontes. 1933/1992. p.97-106.

FLORENZANO, M. Sobre as origens e o desenvolvimento do estado moderno no ocidente. **Lua Nova**, São Paulo, p.11-39, 2007. Disponível em: <scielo.br/pdf/ln/n71/01.pdf>. Acesso em: 30 de out, 2016.

RODRIGUES, D. S. As manifestações públicas pelo combate das desigualdades culturais e políticas; evidências da cultura do estupro no século XXI. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 183. p. 40-50. Rio de Janeiro, 2016.

SUDRÉ, L. DONNANGELO, R. **Jornal Contraponto**. A violência cantada e o protagonismo das mulheres. In: *Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo*. p. 3-5. PUC. São Paulo, 2016.

TELES, M. A. A. **O que é violência contra a mulher**. Brasiliense. São Paulo, 2003.